

MARCELO DUARTE

DETETIVE  
VAGA-LUME

e o misterioso caso do Escaravelho

PANDA BOOKS

MARCELO DUARTE

# DETETIVE VAGA-LUME

e o misterioso caso do Escaravelho

Ilustração: Rogério Borges



Texto © Marcelo Duarte  
Ilustração © Rogério Borges

Direção editorial  
*Marcelo Duarte*  
*Patth Pachas*  
*Tatiana Fulas*

Gerente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistentes editoriais  
*Henrique Torres*  
*Lais Cerullo*  
*Samantha Culceag*

Consultoria editorial  
*Carmen Lucia Campos*

Capa  
*Rogério Borges*

Diagramação  
*Carolina Ferreira*

Preparação  
*Clarisse Lyra*

Revisão  
*Olivia Tavares*  
*Cristiane Fogaça*  
*Rômulo Luis*

Impressão  
*Lis Gráfica*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D873d  
Duarte, Marcelo  
Detetive Vaga-Lume e o misterioso caso do Escaravelho /  
Marcelo Duarte; ilustração Rogério Borges. – 1. ed. – São  
Paulo: Panda Books, 2023.: il.; 21 cm.

ISBN: 978-65-5697-333-3

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Borges,  
Rogério. II. Título.

23-86514

CDD: 808.899282  
CDU: 82-93(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643



2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PANDA BOOKS

*“Você vê, mas não observa.  
A diferença é clara.”*

Sherlock Holmes

# SUMÁRIO

Prefácio – <i>O que aprendi com um casal de Vaga-Lumes</i> , por Carmen Lucia Campos .....	9
O roubo do Cetro de Spharion.....	15
Vaga-Lume X Escaravelho .....	24
Você consegue guardar um segredo? .....	30
Bem-vindos à ilha Kárabos .....	32
Quando a tela do celular apagou .....	43
Um templo de riqueza e ostentação .....	53
O Escaravelho volta a atacar .....	60
Seguindo os passos do pai.....	65
O que um broche pode revelar? .....	70

Fique tranquila: ninguém viu .....	79
A queda que acabou em sangue .....	86
Para que tantas chaves? .....	92
Um ermitão perdido na ilha.....	101
Lotação máxima e à prova de fogo .....	104
Mazé está em apuros .....	110
Um fantasma à solta .....	115
Temos uma emergência, Vaga-Lume! .....	121
Negócio fechado .....	128
Uma solução para o quebra-cabeça .....	134
A hora do xeque-mate .....	137
Tudo o que você precisa é de uma chance.....	153

PANDA BOOKS

## PREFÁCIO

# O QUE APRENDI COM UM CASAL DE VAGA-LUMES

*Carmen Lucia Campos*

Os vaga-lumes sempre me fascinaram com seu piscar-piscar natural, mas aqui vou tratar de outros Vaga-Lumes...

Vou começar falando dela: *a Vaga-Lume*. A série que se tornou sinônimo de literatura infantojuvenil brasileira está profundamente ligada a minha vida pessoal e profissional. Aliás, eu li alguns livros da Vaga-Lume antes mesmo de eles fazerem parte dela. É que no início a Vaga-Lume publicava obras que já haviam sido lançadas. Assim vivi as aventuras de *A ilha perdida*, sofri com os personagens de *Éramos seis*, ambos de Maria José Dupré, e acompanhei a dura realidade do *Cabra das Rocas*, de Homero Homem, quando era estudante e a Vaga-Lume nem existia.

Mal podia imaginar que ler livros antes que saíssem pela série Vaga-Lume estava no meu destino!

Ainda na faculdade, fui trabalhar na Editora Ática. A Vaga-Lume alçava, então, seus primeiros voos. Comecei tendo uma relação quase burocrática com a série. Eu fazia parte do departamento de revisão, cuja função era zelar pela correção gramatical e ortográfica dos textos. Depois de alguns anos e de muitas páginas revisadas, aos poucos me envolvi ainda mais com a Vaga-Lume. Até que deixei de revisar os livros para passar a editá-los.

Muita gente me pergunta o que faz o editor: Corrige o autor?! Ensina-o a escrever?! Costumo dizer que o editor é uma espécie de inspetor de qualidade que, com seu olhar ao mesmo tempo técnico e sensível, aponta problemas na história, sugere mudanças e estimula a criatividade do autor.

Uma das minhas funções na Vaga-Lume era produzir relatórios detalhados sobre os textos, que geralmente passavam por diversas versões até serem aprovados. Havia um grupo de colaboradores, sobretudo professores, que avaliava os textos sem saber a autoria. As observações pertinentes eram incorporadas às minhas e discutidas com o autor.

Eu sentia que aqueles para quem os livros eram feitos deveriam ser ouvidos na etapa de construção da história. Passamos, então, a contar também com a avaliação de leitores jovens. E o olhar deles foi

muitas vezes decisivo para um autor reformular essa ou aquela passagem do livro. Marcos Rey foi além e reescreveu integralmente *O diabo no porta-malas* após eu lhe relatar que um garoto tinha lido a história, sem saber de quem era, e havia me dito: “Marcos Rey faria melhor”.

Foram mais de vinte anos de contato direto com livros e autores. Por isso, digo sempre que a Vaga-Lume me ensinou a editar: a ser uma parceira crítica do autor, uma interlocutora que se coloca no lugar do futuro leitor e aponta caminhos para melhorar o texto. Editar é transitar entre o projeto de quem escreve, a expectativa de quem vai ler e a realidade editorial.

Se minha história com a Vaga-Lume é singular – de leitora a editora – teve alguém que foi mais longe: Marcelo Duarte, um leitor apaixonado pela série que se tornou um de seus autores. Nossos caminhos se cruzaram em 1997, quando ele estreou na Vaga-Lume com *Jogo sujo*, por coincidência no mesmo semestre em que era lançado *Gincana da morte*, de seu ídolo Marcos Rey. Editei ambos os livros e ter proporcionado o encontro de duas gerações de autores foi emocionante.

Minha parceria com o Marcelo se estendeu por mais quatro títulos na série. O tempo passou e seguimos nossos caminhos pelo mundo editorial. E quem

díria que justamente a Vaga-Lume faria com que nos cruzássemos novamente?

É aí que entra o Vaga-Lume.

Para comemorar os cinquenta anos da Vaga-Lume, Marcelo fez uma bela e criativa homenagem: escreveu um livro que é um legítimo representante da série. Tem aventura, suspense, personagens cativantes e um desfecho surpreendente, além de referências a obras e autores que marcaram milhões de leitores. E, revivendo nossa antiga parceria, editei este *Detetive Vaga-Lume e o misterioso caso do Escaravelho*, que você vai ler.

Para mim foi uma deliciosa viagem no tempo: retomar minha atividade de editora, acompanhar o projeto desde a ideia inicial, exercitar a leitura atenta aos mínimos detalhes da trama, provocar a criatividade do autor, testemunhar a história crescer em emoção e qualidade a cada nova versão e, principalmente, sentir o velho espírito da Vaga-Lume mais vivo do que nunca.

O que aprendi com esse Vaga-Lume?

Ele me ensinou que editar é ser também um pouco detetive, não em busca de provas para incriminar alguém, mas de pistas que ajudem o autor a deixar o texto ao gosto do leitor.

Por falar em detetive, prepare-se para acompanhar as aventuras do detetive Vaga-Lume. Ele vai ter

de usar toda sua esperteza para resolver um complicado caso que envolve um empresário ambicioso, um xeque em perigo, dois adolescentes em busca de emoção e muitos suspeitos de terem se apossado de uma peça valiosíssima.

Com certeza você vai se divertir com esta história, seja você um jovem leitor prestes a descobrir o brilho *do Vaga-Lume*, seja você um nostálgico leitor *da Vaga-Lume*.

Boa leitura!

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

# O ROUBO DO CETRO DE SPHARION

“Desejou não encontrar nada sob os lençóis. Assim toda tensão terminaria. Tentou remexer as roupas, mas suas mãos não obedeceram ao comando. Teve de vencer a paralisia de pesadelo para erguer os lençóis sobre o carrinho. Logo encontrou alguma resistência e viu uma mancha de sangue.”

Vaga-Lume estava tão compenetrado na leitura do livro que não deu a devida importância para o som de parada do elevador naquele andar. Geralmente, todos que desciam no quarto pavimento saíam direto para a direita, onde funcionava o escritório da Campos, Paixão & Takahashi Agentes Literários. Do seu lado do corredor, as últimas visitas tinham sido apenas de entregadores de comida.

Por isso, ele saltou da poltrona assustado ao ouvir a campainha da sala tocar. Primeiro porque nem se lembrava de como era o som dela. Mesmo o zelador preferia enfiar os boletos e os panfletos de propaganda por debaixo da porta. Apesar de ansioso para

saber quem tocava com tanta insistência, ele esperou alguns segundos para não dar a impressão de que estava ali à toa.

– Detetive Vaga-Lume? – perguntou o homem assim que ele abriu a porta. Sem esperar pela resposta, foi logo entrando.

– Perfeitamente. Detetive Vaga-Lume – apresentou-se. – Sempre iluminando os casos mais obscuros.

– Com licença, muito prazer. Sou Nikolaos Kárabos. Você já deve ter visto o meu rosto nos jornais, na TV, na internet...

O detetive fez que sim com a cabeça por puro instinto, já que não fazia a menor ideia de quem era aquele estranho à sua frente. O homem tinha estatura mediana, pele muito bronzeada, cabelos prateados levemente ondulados e rugas suaves ao redor dos olhos azuis e da boca.

– Eu era o dono do Emperor Park Hotel, o mais luxuoso cinco estrelas de São Paulo.

Agora sim Vaga-Lume sabia de quem se tratava. O Emperor Park era um hotel de vinte e poucos andares, instalado no bairro mais nobre da cidade. Sete anos antes, um rumoroso assassinato num dos quartos fez o hotel cair em desgraça e decadência. Cheio de dívidas, fechou as portas três anos depois. Uma rede francesa comprou o prédio, reformou-o e

inaugurou ali um hotel com outro nome. Vaga-Lume tirou uma pilha de revistas desbeijadas de uma poltrona gasta e a ofereceu ao raro cliente para se sentar.

– Lembro bem do caso, estava no noticiário o tempo todo – puxou pela memória o detetive.

– Nem me fale. Foi uma tristeza. Meu coração ficou pequenininho. Mas evidente que não vim até aqui para ficar lamentando o passado. O que passou, passou.

– Então me diga, o que o traz ao meu escritório?  
– perguntou Vaga-Lume, curioso.

– Um roubo.

– Mas eu nem falei ainda quanto cobro!

– Você não me entendeu. O que me trouxe aqui foi um roubo que aconteceu na madrugada de quarta para quinta-feira.

– Fale mais sobre isso – pediu Vaga-Lume.

– Investi tudo o que tinha e o que não tinha num novo empreendimento, o Emperor Beach Resort, que será inaugurado na terça que vem.

– Beach Resort... Um hotel de praia?

– Um hotel de praia, não. O hotel de praia. Construí o mais majestoso resort, numa ilha particular, exclusiva, só para clientes VIP.

– Uau! – Vaga-Lume suspirou, imaginando piscinas cheias de cédulas e moedas de várias nacionalidades, como a caixa-forte do Tio Patinhas.

– O projeto é ambicioso. Ambicioso até demais, eu sei. Tanto que me endividei além da conta.

“Se ele veio aqui me pedir dinheiro emprestado, eu já vou dizer que não tenho, porque não tenho mesmo”, pensou Vaga-Lume nesse ponto da conversa.

– Por causa disso, eu estou negociando a entrada de um xeque árabe na sociedade – abriu o jogo Nikolaos. – Ele irá comprar à vista cinquenta por cento do hotel. É a única chance que tenho de levar esse empreendimento adiante.

– Sei. Estou entendendo. Continue.

– Tudo ia caminhando como nas mil e uma noites, quando... tivemos esse roubo no hotel – o empresário fez cara de alarmado.

– Roubo do que exatamente? Prataria, dinheiro, joias?

– Vou explicar: o pai do xeque morreu de uma hora para outra há três meses e seus primogênitos são gêmeos. Começou assim uma luta para saber quem deveria ser o sucessor do trono do reino de Asfaha.

– Sei onde fica Asfaha – apontou o detetive para um pontinho vermelho no globo terrestre que estava sobre sua mesa. – É um país minúsculo no centro do Oriente Médio, mas podre de rico em petróleo.

– É isso mesmo – assentiu Nikolaos. – Já foi para lá?

– Não, não. Sempre tirei boas notas em geografia.

– Seu histórico escolar não vem ao caso agora – cortou o empresário de forma grosseira. – O xeque Tarum Alqadin é o mais querido pelo povo. Mas o irmão dele, Fustár, se alinhou com as forças de segurança asfahaenses e começou uma perseguição implacável a todos os aliados de Tarum, incluindo políticos, empresários e jornalistas. Só restou a ele fugir. Tarum veio para o Brasil com a mulher, dois filhos pequenos, uma babá, seu principal assessor, um intérprete e três seguranças.

– Ufa, pelo menos aqui ele está a salvo.

– Não é bem assim – corrigiu Nikolaos. – Ao deixar Takat, capital de Asfaha, ainda que às pressas, o xeque teve tempo de apanhar o Cetro de Spharion, uma peça sagrada usada no momento mais importante da cerimônia de coroação.

– Caramba, quantos nomes difíceis – surpreendeu-se o detetive. – Como você consegue dizer todos eles?

– É fichinha. Esqueci de contar que minha família é da Grécia. Portanto, eu falo *até* grego! – sorriu Nikolaos.

– Engraçado isso – Vaga-Lume riu também. – Me diga o que é o Cetro de... do que mesmo?!

– De Spharion. É o nome de um herói do povo de Asfaha. Ele lutou contra o exército de um reino

vizinho, bem mais poderoso, e venceu. Em agradecimento, recebeu o cetro.

– Quando foi isso? – perguntou Vaga-Lume.

– Faz tempo. O Cetro de Spharion tem cerca de mil anos. Mede trinta centímetros de comprimento mais ou menos – fez um gesto com as mãos para ilustrar a informação. – É todo em ouro e cravejado com doze grandes diamantes. Cada um representa uma virtude que o governante do país deve ter, como ética, honestidade, justiça, humildade, coisas assim.

– Deve valer uma fortuna.

– Sim, vale. Mas não é isso que importa. O Cetro de Spharion tem um valor simbólico gigantesco para o povo de Asfaha, entende? O irmão do xeque ficou furioso e prometeu que viria atrás dele para buscar a peça.

– Nossa, que confusão – naquele momento, Vaga-Lume começou a deduzir onde é que ele participaria da história.

– Um assessor do xeque tinha entrado em contato comigo há algum tempo – explicou Nikolaos.

– Estava interessado em investir no Brasil e ficou sabendo de meu novo hotel. Quando teve que fugir, ele se lembrou que o resort fica numa ilha e achou que estaria mais protegido aqui. Ele tem muito medo da falta de escrúpulos do irmão.

– Pode ser que ele nunca mais consiga voltar ao país dele – disse Vaga-Lume.

– Esse risco é real. Tarum precisará de ajuda internacional para tirar o irmão do poder. Ele me falou que tem uma audiência marcada com o secretário-geral da ONU no mês que vem.

– Quando ele se hospedou na sua ilha? – quis saber o detetive.

– No começo da semana passada. Fizemos um esquema especial para ele antes da inauguração. Só ele está hospedado lá por enquanto. Nós nos oferecemos para guardar o cetro no cofre enquanto o xeque estivesse conosco. Mas o nosso esquema de segurança falhou.

– Quer dizer que...

– Na manhã de ontem, encontramos o cofre aberto. No lugar do Cetro de Spharion, o que havia era este bilhete aqui – Nikolaos sacou um pedaço de papel do bolso da jaqueta.

Vaga-Lume o apanhou, colocou os óculos e leu em voz alta:

Um pequeno ladrão é colocado na cadeia.  
Um grande bandido torna-se governante de  
uma nação.

Assinado: Escaravelho.

– Quem é esse tal de Escaravelho? – questionou o detetive. – E que letrinha horrível, hein? Parece que nunca teve um caderno de caligrafia na vida.

– Quem é o Escaravelho? Ótima pergunta. Se soubesse, eu não estaria aqui – respondeu Nikolaos.

– Foi o que eu suspeitei – disse Vaga-Lume, dobrando o bilhete para colocá-lo no bolso. – Agora você precisa de uma mente brilhante, astuta, fora do comum para descobrir quem é o ladrão? Por isso chegou até mim?

– Não foi bem por isso. Preciso de alguém muito discreto. O xequê não pode pensar que o resort é inseguro de forma alguma. Pelo que pesquisei, você é um investigador experiente, nada badalado e o único que achei que não tem conta no TikTok. É exatamente o que eu estou precisando.

– Nada de “mente brilhante”?

– Não foi isso o que quis dizer. Preciso descobrir quem levou o cetro. Se acontecer algo a esse resort, como aconteceu com o meu cinco estrelas, estarei arruinado para todo o sempre. Suspendi o serviço de barcos do resort para o continente. Todos que estavam na ilha na noite do roubo continuam lá, não podem sair.

– Obviamente você tem imagens do sistema de câmeras de segurança, certo? – perguntou Vaga-Lume.

– Não, não. Houve um atraso na instalação, por isso nada foi gravado.

O detetive deu um sorriso amarelo, como que para ganhar tempo e pensar na próxima pergunta:

– Quanto tempo temos até que o xeque dê pela falta da peça?

– Como eu comentei, a inauguração do Emperor Beach Resort acontecerá daqui a quatro dias e ele pretende exhibir o cetro no jantar de gala. Seria o ápice de nosso evento.

– Hummm... Terça-feira. Não temos tempo a perder! – disse Vaga-Lume.

Nikolaos fez uma oferta recheada com muitos números, e Vaga-Lume aceitou a proposta na hora. Ele prometeu fazer o adiantamento de metade da quantia assim que desembarcasse na ilha.

– Só tenho um problema – avisou o detetive.